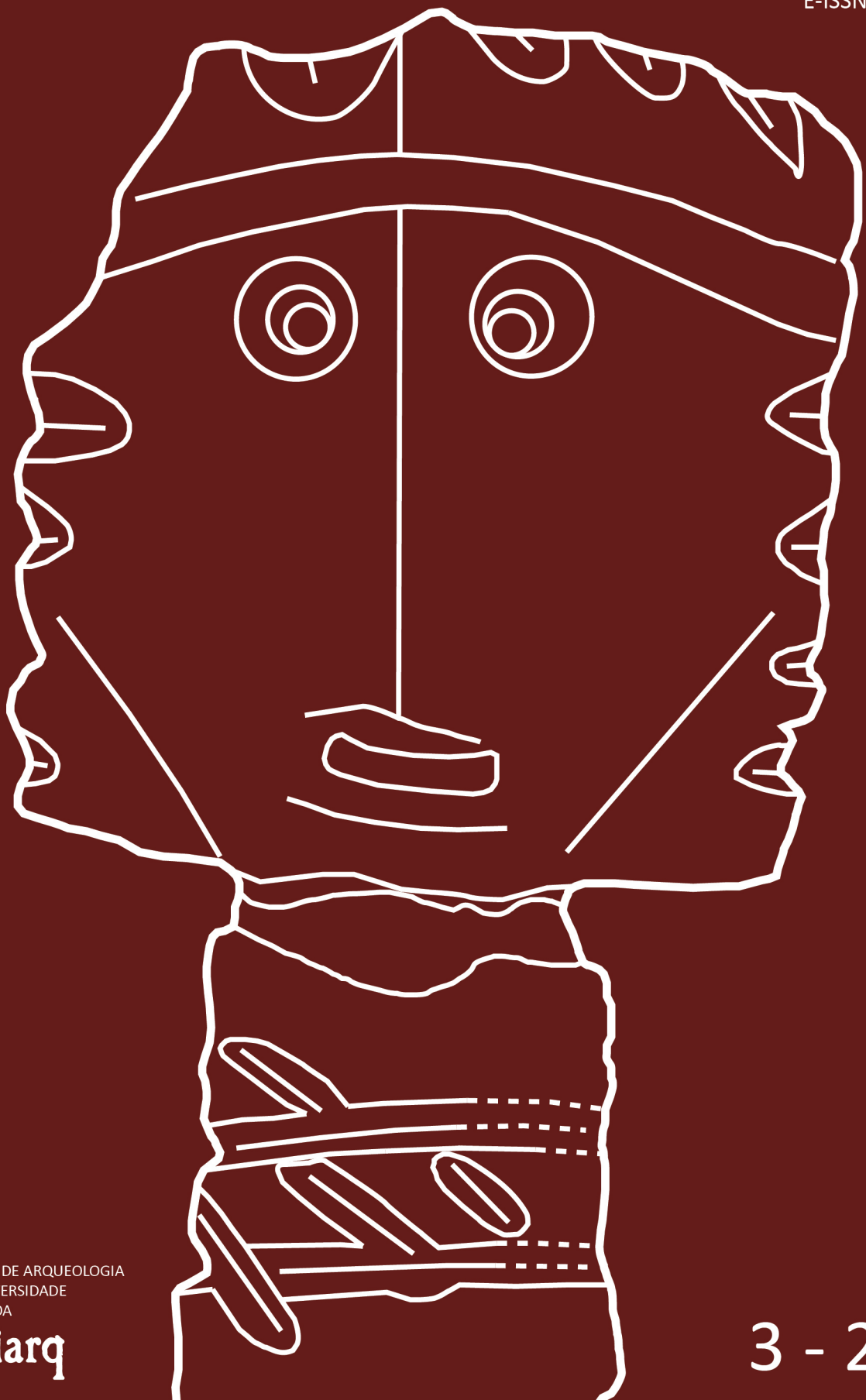
OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA
uniarq

3 - 2019

OPHIUSSA

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:
Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:
André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - *O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação* 5

SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - *El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté* 27

JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - *Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos* 45

GIL VILARINHO - *A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular* 81

ANA MARGARIDA ARRUDA - *Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações* 93

FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - *Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V* 111

CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - *Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?* 133

TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - *400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal* 145

JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - *Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12* 155

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas) 185

IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra) 211

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA FLUL LETRAS LISBOA

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA uniarq

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 5-26. SUBMETIDO A 28.03.2019. ACEITE A 27.09.2019.

O NEOLÍTICO MÉDIO EM PORTUGAL: PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO

THE MIDDLE NEOLITHIC IN PORTUGAL: THE RESEARCH HISTORY

CÉSAR NEVES[1]

RESUMO

No debate científico em torno do processo de Neolitização no Ocidente Peninsular, uma das etapas mais difíceis de caracterizar corresponde à fase média do Neolítico. Apesar de, por parte da investigação arqueológica, lhe ser reconhecida uma importância decisiva na evolução das comunidades neolíticas, corresponde a um período que ainda demonstra um conhecimento desigual face às etapas imediatamente anteriores e posteriores (Neolítico antigo e Neolítico final).

Este texto apresenta, numa perspetiva historiográfica, o percurso da investigação em torno do Neolítico médio, no Centro e Sul de Portugal, desde da década de 70 do século XX até à actualidade.

Neste trajecto de quase 50 anos, serão referidos os investigadores, sítios e estudos que mais contribuíram para o conhecimento desta temática crono-cultural específica, as linhas de investigação e de metodologia adoptadas, bem como as principais características e objectivos do questionário científico que orientou as acções de índole arqueológico.

Palavras-chave: Neolítico médio, Historiografia, Pensamento Arqueológico.

ABSTRACT

In the scientific debate about the Neolithisation process in Westen Iberia, one of the less characterized cultural phases in discussion is the Middle Neolithic. If, in one hand, the archaeological research understands its decisive importance in the evolution of Neolithic societies, on the other hand this moment is still associated to a lack of scientific knowledge, in opposition to the other Neolithic phases (Early and Late Neolithic).

This paper presents, in a historiographical perspective, the research progress about the Middle Neolithic in the centre and south Portugal, from the 1970s to the present.

In this almost 50-year journey, we will highlight the main archaeologists, scientific studies and archaeological sites that contributed most to the study of this specific chrono-cultural moment, as well as the methodologies adopted and the main goals of the scientific quiz that guided all archaeological actions during the research.

Keywords: Middle Neolithic, Historiography, Archaeological Thought.

1 - Associação dos Arqueólogos Portugueses / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). c.augustoneves@gmail.com

Ao Rui,
e ao Tempo com que marcou as (suas) Antas

1. INTRODUÇÃO

O texto, que abaixo se apresenta, insere-se num projecto de investigação, dirigido pelo autor, direcionado especificamente para o estudo do Neolítico médio no Ocidente Peninsular (c.4500-3200 cal BC), com particular destaque para os lugares de povoamento das suas comunidades.

Aquando da redacção da dissertação que deu expressão aos resultados da investigação (Neves 2018), a construção de um texto autónomo sobre o percurso da investigação arqueológica deste período específico tornou-se uma tarefa inevitável.

Uma vez que a história do pensamento arqueológico do Neolítico médio em Portugal está interligada com o trajecto da investigação do próprio processo de Neolitização[2], tanto com a fase de transição Mesolítico-Neolítico antigo como com a discussão mais ampla das origens do Megalitismo, optou-se por não replicar uma temática já bem desenvolvida em outros trabalhos (Carvalho 1998a, 2007a, Diniz 2003, 2006-2007, Soares - Silva 2004). Desta forma, decidiu-se organizar o texto centrando-o, unicamente, no Neolítico médio, mencionando e reflectindo acerca dos principais passos da investigação e os trabalhos/leituras mais marcantes que permitiram a construção da base empírica, hoje, disponível.

Este estudo incide, unicamente, sobre a informação publicada nos últimos 50 anos, desde a década de 70 do século XX até à actualidade. A escolha dos anos 70 como momento de arranque para esta leitura, resulta do facto de ser a partir daí que os estudos acerca do Neolítico, em Portugal, passam a adoptar discursos e propostas científicas modernas e actualizadas, abrindo-se, finalmente, o conhecimento a investigadores e a propostas de interpretação de origem externa. Para a investigação arqueológica em torno do Neolítico, este é o "momento de ruptura, ou a Revolução do Neolítico", como intitulou Mariana Diniz (2006-2007: 23).

2. O SÉCULO XX - ANOS 70, 80 E 90

2.1. ANOS 70

Até à década de 70 do século XX as referências ao Neolítico médio são praticamente nulas. Os trabalhos de Vera e Georg Leisner sobre o Megalitismo funerário, da Península Ibérica (1965) e de Reguengos de Monsaraz (1951), surgem como únicos na pesquisa arqueológica da época, denotando-se no discurso produzido a percepção da existência de uma fase concreta relacionada com as origens do Megalitismo, caracterizada em distintos espólios votivos identificados em diversos sepulcros.

A consciência que o Neolítico português apresenta distintas fases fica expresso na síntese elaborada em 1966 por Vera Leisner, "*As diferentes fases do Neolítico em Portugal*". O facto de ter sido, primeiramente, publicado em alemão e só ter sido traduzido e publicado em português quase 20 anos depois (Leisner 1983), fez com que este importante texto tivesse pouco impacto na comunidade arqueológica portuguesa e no estudo do Neolítico neste território (Diniz 2006-2007: 23).

Apesar do continuado interesse que os monumentos megalíticos despertam, o discurso e a actividade arqueológica continuaram muito centrados e condicionados pela "cultura das grutas", uma vez que a maioria das intervenções sobre o Neolítico ocorria em contextos dessa tipologia. No geral, nos finais da década de 60, o Neolítico é ainda tratado como um período único, sem o evidente faseamento cultural, apesar da presença, nos conjuntos artefactuais aí publicados, de elementos que hoje facilmente se reconhecem como pertencentes a distintas fases dentro desse longo período (Diniz 2006-2007).

Nos anos 70, o Neolítico médio no ocidente Peninsular não consegue acompanhar a autonomia cronológica e cultural que o Neolítico antigo adquire, especialmente após o artigo de Jean Guilaine e Octávio da Veiga Ferreira "Le Néolithique ancien au Portugal", publicado em 1970 no *Bulletin de la Societé Préhistorique Française*.

A obra geral para a *Pré-História de Portugal* da autoria de Farinha dos Santos (1972), reflecte em parte o desconhecimento que ainda se tem acerca do momento em análise. Num discurso marcadamente artefactualista, o autor reconhece a existência de "níveis médios do Neolítico" (Santos 1972: 35), no entanto ainda interpreta o período do arranque do Megalitismo funerário como estando associado ao "Eneolítico inicial" (*ibidem*: 45), um termo que o trabalho de J. Guilaine e O. Veiga Ferreira já tinha deixado cair de vez.

Nos finais dos anos 70, a informação disponível associada a um segundo momento do Neolítico continua a provir, quase exclusivamente, dos

contextos funerários escavados em gruta ou em sepulcros megalíticos.

Ainda assim, paulatinamente vai-se percebendo, pelas diferenças que a cultura material apresenta, da existência de um "Neolítico médio português", ou Neolítico IIA situado entre c. 4000-3000 a.C., como foi definido por O. Veiga Ferreira e M. Leitão (1981: 144). Os autores referem, ainda, os sítios associados a este período (onde se destacam exclusivamente espaços da morte como a Gruta do Escoural, Lugar do Canto, Lapa do Fumo e Bugalheira), integrando igualmente a "cultura megalítica" neste momento do Neolítico.

Na definição dos conjuntos artefactuais associados a esta etapa, elaboram uma lista onde surgem alguns elementos que, hoje, integramos numa fase final do Neolítico antigo ou já no Neolítico médio (trapézios simétricos; lâminas espessas de tamanho pequeno e médio; pedra polida; domínio da decoração incisa), mas aos quais juntam elementos claramente mais antigos ou recentes, como a cerâmica profusamente decorada, asas, bordos denteados, lâminas de grandes dimensões e pontas de seta (Ferreira - Leitão 1981: 150-151). Este agregar de materiais arqueológicos de distintas fases dentro do Neolítico médio resultará, seguramente, da observação por parte dos autores de conjuntos provenientes das escavações antigas levadas a cabo nas grutas-necrópole, onde as linhas metodológicas estariam longe de ser as adequadas para um registo estratigráfico seguro, originando contextos de proveniência muito latos e de reduzida fiabilidade.

A década de 70 fecha com um texto de autoria de Victor S. Gonçalves, em forma de plano de estudo. O artigo, *Para um Programa de Estudo do Neolítico em Portugal*, publicado em 1978, além de procurar enunciar os problemas e as questões, então, em aberto relativo ao longo período Neolítico no território português, corresponde a uma das primeiras reflexões em torno da definição dos conceitos relacionados com esse tema (Gonçalves 1978). Ao mesmo tempo que, de forma estruturada, traça um quadro actualizado do conhecimento existente acerca das três fases neolíticas (Antigo, Médio e Final), o autor formula um projecto de trabalho que procure, de forma multidisciplinar, colmatar os vazios ainda deixados pela investigação arqueológica.

Para Victor S. Gonçalves, os dados existentes acerca do Neolítico médio, relacionam-se com o "apogeu do período megalítico" (*ibidem*: 150), numa definição que marcará o restante discurso sobre este momento em particular. O questionário empírico, invariavelmente orientando para o Megalitismo funerário (quer em antas quer em grutas), espelha a base empírica disponível, assim como o conhecimento que se detinha acerca daquilo que seria o Neolítico médio. Na proposta de estudo para este espaço crono-cultural, além da definição rigorosa do significado do termo "Médio", o principal foco deveria centrar-se na aferição cronológica (nomeadamente das primeiras fases do megalitismo, onde a imprecisão da termoluminescência é notória e coloca naturais reservas), assim como na relação entre povoados e necrópoles (*ibidem*: 162).

2.2. ANOS 80

Nos anos 80, os trabalhos desenvolvidos no Alentejo litoral pelo Gabinete da Área de Sines e Museu Arqueológico e Etnográfico do Distrito de Setúbal (MAEDS), representam um ponto de mudança no conhecimento acerca do Neolítico médio, no Ocidente Peninsular. Envolvendo um largo espectro cronológico, as diversas intervenções dirigidas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, permitem um aumento exponencial de informação arqueológica, abordando cenários de acção do Neolítico em extensos espaços de *habitat* e ao ar livre e não, somente, ocupações em gruta.

Apesar de não apresentar nenhum sítio especificamente do Neolítico médio, e de se apresentar como um estudo marcadamente regional, a publicação monográfica intitulada *Pré-História da área de Sines* (Silva - Soares 1981), introduz um conjunto de ocupações domésticas associadas a uma fase evolucionada do Neolítico antigo, como em Vale Vistoso e na Salema, que possibilitam as primeiras reflexões acerca do momento de transição Neolítico antigo-Neolítico médio.

Com um discurso com forte peso artefactualista, a constatação da presença de alguns elementos da cultura material (nomeadamente nas cerâmicas – recipientes decorados a impressão e incisão mas com escassa ou ausência de decoração cardial), levou a que os autores considerassem que estas ocupações se inserissem num momento mais tardio dentro do Neolítico antigo, propondo para a Salema uma cronologia com maior rigor, da 2ª metade do 5º milénio e do início do 4º milénio a.C. (Silva - Soares 1981: 98).

A abordagem feita sobre estas ocupações integra a organização interna dos espaços de *habitat*, facultando dados ao nível da estruturação e de

NEOLÍTICO DA COMPORTA: ASPECTOS CRONOLÓGICOS (DATAS 14C) E PALEOAMBIENTAIS

por *Carlos TAVARES DA SILVA* ★, *Joaquina SOARES* ★, *João L. CARDOSO* ★, *Carlos Souto CRUZ* ★★ e *Carlos A. Sousa REIS* ★★★

1. ENQUADRAMENTO ARQUEOLÓGICO

Em 1979, dois dos signatários (C.T.S. e J.S.), no âmbito de um projecto do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal sobre a evolução da ocupação humana das margens do estuário do Sado, procederam à realização de sondagens arqueológicas em seis jazidas da Comporta (de Oeste para Leste):

— *Celeiro Velho (ou Brejouco).* — A *ca.* 250 m para Norte do marco geodésico do Cambado. Coordenadas GAUSS: X = 143 2; Y = 158 9 (Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, F.475, Ed. 1948).

Jazida muito destruída pela exploração de areias. Zona plana e baixa (cota *ca.* 10 m) da margem esquerda de pequena ria actualmente colmatada (ocupada por arrozais).

A sondagem revelou um único nível arqueológico (C.3), inclinado de Sul para Norte, com a espessura máxima de 0,60 m, constituído por areia negra com abundantes fragmentos de cerâmica (integrável na fase II do Neolítico da Comporta), e quase ausência de fauna; na base, apresenta bolsas em «cuvette»; assenta sobre areias soltas, amarelo-esbranquiçadas e arqueologicamente estéreis. Nos Qs. C6 e D6 (zona Sul da sondagem) o nível arqueológico aflora à superfície, enquanto nos Qs. E6 e F6 (zona Norte da sondagem) se apresenta coberto por uma camada (C.2), com a espessura máxima de 0,20 m, de areia solta, branco-amarelada, com escassos fragmentos de cerâmica; a camada superficial (C.1), com a espessura máxima de *ca.* 0,50 m, de areias revolvidas, contém materiais recentes.

— *Possanco (Malhinha ou Malhadinha)* (1). — A *ca.* 600 m para NE do Celeiro Velho. Coordenadas GAUSS: X = 143 6; Y = 159 3 (Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, F.475, Ed. 1948).

Jazida muito afectada pela acção da lavoura. Zona plana, baixa (cota *ca.* 5 m), ligeiramente inclinada de Este para Oeste, na margem direita de pequena ria actualmente colmatada e ocupada por arrozais.

A realização de duas sondagens permitiu detectar duas fases de ocupação. À primeira fase (somente identificada na sond. B, aberta na zona Este, a de cota mais elevada) corresponde a C.4 constituída por areia amarelada, com fragmentos de cerâmica integráveis na fase II do Neolítico da Comporta. Sobre esse nível de ocupação formou-se espessa camada (C.3) — espessura *ca.* 0,80 m — de areias soltas arqueologicamente estéreis. Sobre esta, assenta a C.2 (muito nítida na sond. A, aberta na zona Oeste, a de cota mais baixa), subdivisível em níveis de concheiro em que predomina a espécie *Ruditapes decussatus* e que forneceu abundantes materiais integráveis na fase III do Neolítico da Comporta (Fig. 3).

★ Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Av. Luísa Todi, 162, Setúbal.
★★ Parque Florestal de Monsanto, Lisboa.
★★★ Laboratório Marítimo da Guia, Cascais.

59

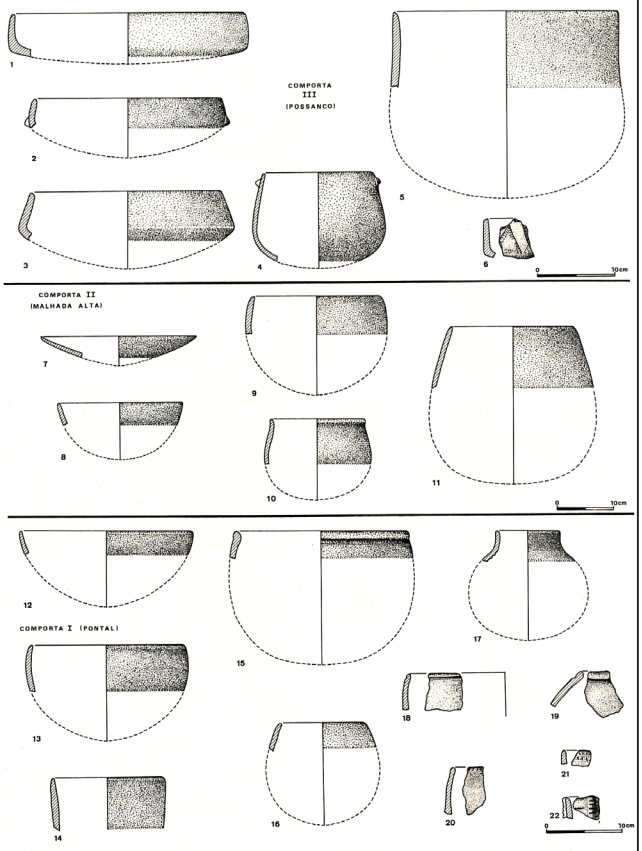


Fig. 6 — Cerâmica do Neolítico da Comporta.

64

Fig. 1 - Página de rosto do artigo "Neolítico da Comporta", publicado em 1986 no nº 14 da *Arqueologia* e proposta de periodização do Neolítico, a partir de uma componente específica da cultura material – cerâmica (adaptado de Silva *et al.* 1986: 59 e 64).

alguma dispersão artefactual, num registo até então pouco usual nos trabalhos arqueológicos publicados para o Neolítico.

Será, igualmente, no início desta década que se publicam os primeiros dados relativos ao denominado "Neolítico da Comporta" (Silva - Soares 1980), onde se apresentam os primeiros contextos habitacionais do Neolítico médio, para o actual território português.

Apesar de, desde da década de 60, já se conhecerem a maioria dos sítios associados a este contexto (Ribeiro - Zbyszewski - Ferreira 1965, Ribeiro - Sangmeister 1967), só em 1979, sob a di-recção de C. T. Silva e J. Soares (MAEDS), é que se realiza uma intervenção arqueológica (pequenas sondagens e observação e registo de perfis estratigráficos), em seis sítios que apresentavam mau estado de conservação, mas onde foi possível identificar níveis conquíferos e conjuntos artefactuais dotados de numerosos fragmentos cerâmicos.

A análise dos dados referentes ao núcleo registado na Comporta permitiu, na altura, traçar uma sequência de ocupação diacrónica, subdividida em 3 fases distintas, desde o início do Neolítico médio (Comporta I - sítio do Pontal), passando por uma fase mais plena desse período (Comporta II - sítio da Barrosinha), até ao Neolítico final (Comporta III – Possanco) (Silva *et al*. 1986).

Este fraccionamento crono-cultural do Neolítico e respectivo modelo sociocultural foi, essencialmente, suportado a partir de sequências tipológicas da cerâmica, tendo-se definido como elementos de diagnóstico a presença de certos motivos decorativos (ex.: *sulco abaixo do bordo* na Fase I), o forte peso de cerâmica lisa (Fase II), ou o domínio de algumas das morfologias características do final do Neolítico (ex.: taças carenadas e vasos mamilados na Fase III).

A preocupação em envolver uma equipa interdisciplinar na análise do Neolítico da Comporta, permitiu a publicação de dados que contemplavam domínios científicos distintos. Além da já referida análise da Cerâmica, desenvolveram-se estudos de Sedimentologia, Geomorfologia, Fitodinâmica e Malacologia, num procedimento que, à data, ainda era pouco habitual nos estudos de sítios arqueológicos em Portugal.

Este trabalho levado a cabo nos concheiros neolíticos da Comporta é um ponto importante na história da investigação em torno do Neolítico médio em Portugal, pois corresponde a um primeiro ensaio acerca da sua periodização e faseamento, bem como à reflexão acerca da sua cultura material e elementos de diagnóstico (com a produção de um Quadro Tipológico dos recipientes para as três fases registadas), a que se acresce o conhecimento acerca das práticas de subsistência associada a essas comunidades e das estratégias de implantação de espaços de *habitat*.

O discurso arqueológico produzido é claramente ceramográfico e muito descritivo, com escassa informação acerca das indústrias líticas, naquilo que era uma marca dos trabalhos arqueológicos em Portugal até quase aos finais do séc. XX (Carvalho 1998a, Diniz 2006-2007).

Ainda com um longo trabalho a desenvolver, têm sido acrescentados, pontualmente, novos campos de análise ao Neolítico da Comporta, sobretudo ao nível da Cronologia e da Ictiofauna (Soares - Silva 2013).

Quase 40 anos depois da sua intervenção e publicação, os sítios do Pontal e da Barrosinha continuam a ser amplamente referidos nas leituras sobre a fase média do processo de Neolitização, reflectindo o seu valor, mas, acima de tudo, as limitações arqueográficas que este período ainda apresenta na actualidade.

Paralelamente, ainda nos anos 80, na região da Estremadura e Maciço Calcário Estremenho, continua o investimento na investigação arqueológica em diversas grutas-necrópole com ocupações neolíticas. Neste particular, destacam-se os trabalhos de João Zilhão realizados sobre as utilizações funerárias na Gruta da Feteira e do Caldeirão que, apesar de mal representado, apresentam horizontes do Neolítico médio com algum espólio artefactual, suportados por sequências crono-estratigráficas que demonstram essa realidade (Zilhão 1984, 1992).

2.3. ANOS 90

No início da década de 90, o discurso relativo à transição do Neolítico antigo para o Neolítico médio, bem como a caracterização desta última etapa, estava fortemente influenciado pelos dados obtidos no Alentejo litoral, nomeadamente na região de Sines e, especialmente, na Comporta, assim como nas grutas-necrópole da Estremadura e no Megalitismo funerário do interior alentejano.

Inserido numa publicação editada pela Universidade Aberta – *Pré-História de Portugal* – Carlos Tavares da Silva escreve um capítulo intitulado "Neolítico médio e final. O Megalitismo" (Silva 1993). Em 15 páginas, o autor procura sintetizar, numa leitura geográfica bastante abrangente, o conhecimento existente acerca das fases culturais presentes no título, destacando-se a evidente paridade entre Neolítico médio e Megalitismo. Apesar de dar um destaque maior aos trabalhos e resultados obtidos nos espaços onde trabalhou (Alentejo litoral e Reguengos de Monsaraz – *vide infra*), C. T. Silva aborda vários componentes do sistema, desde a cultura material, às estratégias de povoamento procurando, sempre que possível, caracterizar a estrutura social que estas comunidades poderiam já apresentar.

Nos volumes iniciais das Histórias de Portugal, os capítulos relativos à Pré-História, além de reflectirem essa leitura, demonstram o peso que o Megalitismo funerário representa no conhecimento até aí produzido (Jorge 1990, Diniz 1993, Gonçalves 1993).

No percurso da investigação em torno do Megalitismo e dos momentos crono-culturais associados a este fenómeno, o texto de V. S. Gonçalves, apesar de apresentar uma longa e detalhada reflexão acerca desta temática, é revelador de como o debate em torno das suas origens se apresentava como uma questão totalmente em aberto (Gonçalves 1993).

De igual modo, e partindo da informação disponível, tanto Susana O. Jorge como M. Diniz procuram reflectir acerca dos prováveis sistemas de povoamento, práticas de pendor social e económico (exploração do território), bem como do subsistema económico e cultura material, temáticas ainda longe da sua definição.

A menção à ausência de dados é uma constante nos seus discursos. S.O. Jorge identifica "um vazio perturbante de informação no que se refere ao período convencionalmente chamado *Neolítico médio*, ou seja a etapa que globalmente cobre grande parte do IV milénio a.C." (Jorge 1990: 120), "e que se

torna urgente a identificação de povoados coevos" (*ibidem*: 120), aos espaços da morte, nomeadamente do megalitismo dolménico (como o Poço da Gateira 1 e Gorginos 2), onde os paralelismos na cultura material são bem evidentes (*ibidem*: 110).

M. Diniz segue, no geral, esta análise, introduzindo alguns temas que, mais tarde, serão parte integrante na caracterização das comunidades do Neolítico médio. Ao nível do subsistema económico, afirma que a prática de subsistência principal seria a pastorícia, com explorações sazonais do espaço (Diniz 1993: 329), apesar da existência de um sistema de povoamento que ainda apresentava sítios funcionalmente especializados na pesca e recolecção de moluscos - Pontal e Barrosinha - (*ibidem*: 322). De igual modo, refere como uma das características principais a mobilidade associada aos grupos do Neolítico médio, detectada na presença, no registo arqueológico, de artefactos sobre matérias-primas que não existem naturalmente nos locais onde são encontradas (*ibidem*: 329), ocorrendo mesmo uma exploração a longa distância (em complemento a uma exploração imediata, que é dominante), tirando partido de uma paisagem pré-histórica que "é uma paisagem aberta, onde se efectuou a livre circulação de pessoas e bens" (*ibidem*: 332). A autora associa mesmo a mobilidade dos padrões de implantação no espaço (que gera sítios precários de curta duração), à dificuldade da sua identificação (*ibidem*: 329).

Estes dois textos estão particularmente bem datados, uma vez que a referência que ambos demostram relativos aos testemunhos de ocupações do Neolítico na Estremadura cingem-se, essencialmente, a contextos funerários em gruta, alguns conhecidos desde o séc. XIX. Esta situação demonstra que, aquando a sua redacção, ainda não se tinham iniciado dois projectos de investigação, para a região do Maciço Calcário Estremenho, que vieram alterar o registo arqueográfico relativo às ocupações de cariz doméstico desta área:

a) *Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*, que decorreu entre 1993 e 1995 sob a direcção de João Zilhão, Ana Cristina Araújo e Nuno Bicho (Araújo - Zilhão 1991, Zilhão - Carvalho 1996);

b) *MACIÇO - Pré-História do Maciço Calcário das Serras de Aire e Candeeiros e Bacias de Drenagem Adjacentes*, dirigido por João Pedro Cunha Ribeiro, Francisco Almeida e António F. Carvalho, entre 1998-2001 (Carvalho 2003, 2007a, 2016);

Os trabalhos relativos à *Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*, apesar do carácter mais alargado em termos crono-culturais, tinham como objectivo principal o levantamento sistemático da arqueologia dessa área específica. Em resultado da identificação de novos sítios realizaram-se sondagens ou escavações sistemáticas em muitos desses contextos, destacando-se aqueles que estavam relacionados com o processo de Neolitização (em gruta: Algar Picoto, Lapa dos Namorados e Algar Barrão; ao ar livre: Laranjal do Cabeço das Pias, Forno Terreirinho, *Locus III* do Cabeço de Porto Marinho; Costa do Pereiro; Pena d'Água). Além destes contextos, realizaram-se novos trabalhos de escavação em sítios já conhecidos, como a Gruta do Almonda ou Lapa da Bugalheira (Zilhão - Carvalho 1996, Carvalho 2016).

Em poucos anos, o aumento da base empírica para o Neolítico antigo e médio foi muito significativo, destacando-se o reconhecimento de contextos de ar livre, nomeadamente espaços de *habitat*, que poderiam possuir uma relação crono-cultural com as grutas-necrópole, já amplamente conhecidas.

Face aos resultados obtidos, desenvolve-se no final desta década o projecto *MACIÇO*, direccionado tanto para a Pré-História antiga como para a Pré-História recente desta região, com o Neolítico a assumir um lugar destacado.

Além da publicação praticamente integral dos resultados das novas e antigas intervenções arqueológicas, foi possível obter um renovado quadro cronométrico para o Neolítico deste espaço, que era, finalmente, sustentado pela observação de sequências estratigráficas mais seguras e detalhadas (Zilhão - Carvalho 1996: 661, Carvalho 1998a). No sentido de responder a um renovado e mais alargado questionário empírico, aplicam-se novos métodos de análise, procurando captar um maior quadro socioeconómico e cultural das comunidades agro-pastoris.

Neste campo, destaca-se um investimento em áreas como a Cronologia (datações de radiocarbono), Antracologia, Zooarqueologia, Bioantropologia e Traceologia lítica (Carvalho 2016), além da Cultura Material, onde agora se dá uma atenção mais detalhada às indústrias de pedra lascada (Carvalho 1998a).

A abordagem aos contextos neolíticos desta região permite ultrapassar os discursos mais artefactualistas que até aí vigoravam procurando, caracterizar o modo de vida dos grupos humanos através das estratégias de exploração do espaço, tipos de implantação dos espaços de *habitat* e

Neolítico do Maciço Calcário Estremenho *Quadro Crono-Estratigráfico Regional*			
Cronologia (cal BC)	**Período**	**Componentes artefactuais**	**Contextos (exemplos)**
3600 - 3000	Neolítico final	Bordos denteados e recipientes carenados (povoados) Placas de xisto (necrópoles)	Pena d'Água, camada B Forno da Telha, camada 1 Cova das Lapas
		Horizonte "acerâmico" das grutas-necrópole	Algar do Barrão Lugar do Canto
4400 - 3600	**Neolítico médio**	Cerâmicas lisas em necrópoles e povoados	Lapa dos Namorados Pena d'Água, camada C e D Gruta do Caldeirão, horizonte NM
		Cerâmicas lisas, impressas e incisas, incluindo vasos decorados com sulcos sob o bordo	Pena d'Água, camada Ea
5100 - 4400	Neolítico antigo evoluído	Cerâmicas impressas e incisas várias, sem cardial	Cabeço das Pias Pena d'Água, camada Eb (topo) Gruta do Caldeirão, horizonte NA1
5500 - 5100	Neolítico cardial	Cerâmicas impressas e incisas, incluindo decoração cardial limitadas à faixa sob o bordo	Pena d'Água, camada Eb (base) Gruta do Caldeirão, horizonte NA2
		Cerâmicas impressas e incisas, incluindo decoração cardial extensa, recobrindo uma parte considerável dos recipientes	Gruta do Almonda Vaso de Santarém

Fig. 2 - Sequência crono-estratigráfica do Neolítico do Maciço Calcário Estremenho, partindo da leitura combinada de três elementos de diagnóstico: cronologia absoluta; cultura material; contexto arqueológico (segundo: Zilhão - Carvalho 1996: 667 – Quadro 2).

práticas económicas associadas.

Relativamente ao Neolítico médio, a maioria da informação produzida provém das sucessivas campanhas de escavação, dirigidas por A. F. Carvalho, no Abrigo da Pena d'Água (1992-1997). Este sítio vai adquirir um relevo mais amplo na definição desta etapa, agora finalmente identificada em espaços de *habitat* (Carvalho 1998b).

No Abrigo da Pena d'Água, identificaram-se, em estratigrafia, dois níveis distintos de ocupação doméstica do Neolítico médio, bem balizados, em termos estratigráficos, entre níveis do Neolítico antigo e Neolítico final. Entre horizontes de ocupação que apresentavam no registo artefactual claros elementos de diagnóstico (cerâmica cardial e outros motivos impressos - Neolítico antigo; pontas de seta de retoque bifacial e taças carenadas – Neolítico final), reconheceu-se uma camada associada ao Neolítico médio inicial, com cerâmica lisa associada a cerâmica impressa e incisa (com domínio de *sulco abaixo do bordo*), onde os conjuntos de indústria lítica não diferem muito dos reconhecidos para o Neolítico antigo (*ibidem*).

Sobre esta camada, identifica-se uma "fase plena" do Neolítico médio, caracterizada pela presença quase exclusiva de recipientes lisos, com grandes semelhanças com os elementos registados nos espaços funerários deste período, nomeadamente nas antas atribuídas às fases iniciais do Megalitismo (Zilhão - Carvalho 1996, Carvalho 1998b).

Com a presença dos níveis do Neolítico médio na Pena d'Água tornou-se, finalmente, possível discutir a relação *habitat* - necrópole, ficando o horizonte deste período caracterizado, nesta área, por este sítio e pelas necrópoles da Lapa dos Namorados e Bugalheira, que se juntam ao já identificado horizonte NM do Caldeirão e os dados do mesmo período obtidos nas grutas do Cadaval e Nossa Senhora das Lapas (Zilhão 1992, Oosterbeek 1994, Zilhão - Carvalho 1996), subsistindo, ainda assim, o peso excessivo de contextos funerários no registo empírico.

A Sul de Portugal, é neste momento que têm início os trabalhos arqueológicos associados ao grande empreendimento da Barragem do Alqueva, que colocará no registo arqueográfico um novo conjunto de contextos que terão forte influência na caracterização das paisagens humanas da Pré-História.

Perante a presença expressiva do Megalitismo de cariz funerário na área do regolfo da barragem, a investigação arqueológica foi direccionada, especificamente, para a identificação de lugares de

povoamento relacionados com os construtores dos primeiros monumentos megalíticos, nomeadamente na área de Reguengos de Monsaraz (Soares - Silva 1992, Gonçalves - Calado - Rocha 1992, Gonçalves - Sousa 2000, Gonçalves 2002).

A definição da relação cronológica e cultural entre os espaços da morte e os de cariz habitacional não foi particularmente bem-sucedida, sendo notório o desequilíbrio de ocorrências no registo dos dois tipos de contexto. Este dado pode resultar de uma fraca visibilidade do tipo de implantação dos sítios de *habitat* (Gonçalves - Sousa 2000), ou pelo mau estado de preservação de alguns contextos, como Gorginos 6 (Reguengos de Monsaraz), onde a "ausência de "fósseis-directores" integráveis no Neolítico final, como cerâmicas carenadas, pesos de tear, etc, permitiam colocar a ocupação deste sítio no Neolítico médio, dadas as características arcaizantes dos materiais cerâmicos líticos e detectados" (Gonçalves - Diniz 1997: 2).

Desta forma, as únicas ocupações domésticas associadas ao Neolítico médio e, assim, à primeira fase do Megalitismo funerário, foram identificadas nos sítios das Pipas e da Fábrica de Celulose, igualmente na área de Reguengos de Monsaraz (Soares - Silva 1992). Apesar de uma publicação muito preliminar dos dados, a informação proveniente deste trabalho de J. Soares e C. T. Silva foi amplamente citada na análise de outros espaços sincrónicos no Centro e Sul de Portugal, constituindo-se essencialmente como referência na caracterização artefactual dos contextos do Neolítico médio (através da presença de cerâmica lisa e recipientes decorados com *sulco abaixo do bordo*), demonstrando a fragilidade da base empírica associada a este momento específico.

Ainda na área do Alentejo interior, destaca-se o estudo da necrópole neolítica da Gruta do Escoural, em particular das fases associadas às utilizações do 4º milénio cal BC, em clara conformidade entre as datações absolutas obtidas e com parte da cultura material identificada (Araújo - Cauwe - Santos 1995, Soares 1995).

No Algarve, o conhecimento acerca do Neolítico médio nesta região fica marcado pela publicação, em 1992, dos resultados das sondagens realizadas em 1988 no Algarão da Goldra, em Faro (Straus *et al.* 1992).

Este importante contexto do Neolítico médio forneceu abundantes dados relativos à cultura material e práticas de subsistência das comunidades deste período, atestando um modo de vida das sociedades agro-pastoris, através da presença de elementos económicos do pacote neolítico (fauna doméstica e pólen de cereal) (*ibidem* 1992). Foi ainda possível obter uma datação absoluta com largo intervalo de tempo (2ª metade do 4º milénio – 3º milénio cal BC), que suportava a proposta de integração crono-cultural no Neolítico médio. No entanto, a ausência de um pacote artefactual significativo não permitiu estabelecer, entre este sítio e uma etapa mal conhecida, efectivas correspondências culturais.

Além da importância que assumiu, na altura, para o conhecimento deste período, a informação proveniente deste contexto será, 20 anos mais tarde, recolocada no debate científico, em resultado de novas datações entretanto realizadas, e da análise das dietas dos indivíduos ali depositados, aumentando a base empírica que sustenta a caracterização deste momento (Carvalho - Straus 2013, Carvalho - Petchey 2013).

3. O NOVO MILÉNIO

3.1. SÉCULO XXI - 1ª DÉCADA

A primeira década do novo milénio é marcada pela realização das primeiras teses de Doutoramento acerca do processo de Neolitização, no Sul do actual espaço português. M. Diniz, em 2003, e A. F. Carvalho, em 2007, abordam este fenómeno partindo de espaços regionais bem definidos (Alentejo, Estremadura e Algarve), dando expressão aos trabalhos de investigação que iniciaram uma década atrás. Apesar deste passo decisivo no conhecimento das primeiras etapas deste fenómeno, os trabalhos incidiram essencialmente na transição Mesolítico-Neolítico antigo, ficando de fora a caracterização das etapas seguintes, nomeadamente a evolução até às primeiras manifestações megalíticas de tipo dolménico.

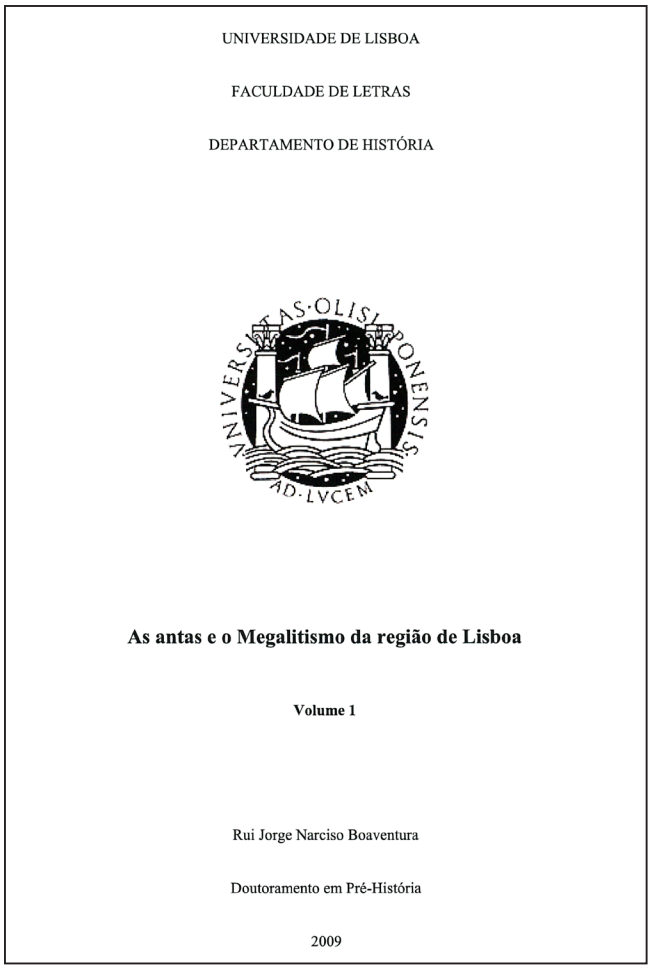
O Megalitismo continua a ser a principal fonte de informação relativamente ao Neolítico médio, sucedendo-se as menções ao desconhecimento acerca dos *habitats* contemporâneos deste fenómeno. Em contraste com o conhecimento disponível acerca do Neolítico antigo, que via a sua base arqueográfica a aumentar exponencialmente, permaneciam "… ainda pouco visíveis no registo arqueológico as ocupações que corresponderiam ao Neolítico Médio, tornando difícil a caracterização das comunidades responsáveis pela construção dos primeiros monumentos megalíticos" (Diniz 2000: 105). Neste texto, a autora vinca, ainda, que a dificuldade em

identificar os espaços de *habitat* resulta da falta de conhecimento acerca da cultura material associada a esse tipo de contexto, devido à falta de um "fóssil-director" explícito, com as leituras dessa natureza a continuarem a resultar das observações realizadas nos monumentos funerários (*ibidem*: 106).

O Megalitismo continua a ser o tema em destaque no discurso histórico acerca do Neolítico médio. Os trabalhos de Leonor Rocha (2005), e de Rui Boaventura (2009), inserem as áreas do Alentejo Central e da Estremadura no debate em torno das origens do megalitismo funerário, mas quase não incidem sobre os contextos habitacionais associados. Estes trabalhos permitiram, também, a utilização de metodologias de análise mais modernas, utilizando resultados de intervenções antigas numa reflexão mais actual. Em particular, a investigação de Rui Boaventura apresenta-se como uma indispensável referência na caracterização cultural e, acima de tudo, cronológica do Megalitismo, elevando qualitativamente a fasquia metodológica na abordagem alargada aos contextos de natureza funerária, correspondendo a um suporte científico que perdurará por muito tempo.

No entanto, não obstante o conhecimento acerca das práticas funerárias do Neolítico médio continuar a crescer, a percepção que se tem sobre os espaços domésticos permanece quase inalterada recorrendo-se ainda aos mesmos contextos que já no final do século passado se tinham descrito. Esta situação está bem evidente no texto de Rui Mataloto e R. Boaventura sobre o povoamento do 4º e 3º milénio cal BC no Sul de Portugal (Mataloto - Boaventura 2009). Partindo dos espaços domésticos datados, os autores reconhecem que os modelos de povoamento para o espaço temporal entre o final do 5º milénio e a primeira metade do 4º milénio (período onde se integra o Neolítico médio), mantém-se mal conhecidos (*ibidem*: 55). Este intervalo corresponderá à Fase 1, preconizada pelos autores, associada essencialmente ao Neolítico I e II da Comporta (dos sítios do Pontal e Barrosinha), bem como às ocupações prévias de cariz doméstico registadas nos monumentos megalíticos de Vale Rodrigo 2 e Vale Rodrigo 3 (*ibidem* 2009: 63).

Apesar de intervencionados desde os finais do séc. XX (Höck - Kalb 2000, Larsson 2000), só após os trabalhos de T. Armbruester sobre a cultura material dos referidos *habitats* de Vale Rodrigo 2 e 3 é que se tomou consciência do seu relevo para a definição do Neolítico médio no Ocidente Peninsular (Armbruester 2006, 2008). Esses estudos


UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

As antas e o Megalitismo da região de Lisboa

Volume 1

Rui Jorge Narciso Boaventura

Doutoramento em Pré-História

2009

Fig. 3 - Capa do volume I da Tese de Doutoramento de Rui Boaventura, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2009.

são igualmente completados com a publicação de datações para essas ocupações, constituindo-se, juntamente com as da Comporta, como as únicas para os espaços domésticos do Neolítico médio da região do Alentejo.

O conhecimento acerca de Vale Rodrigo 2 e 3 será fundamental na compreensão e integração crono-cultural de um contexto semelhante, identificado sob o monumento megalítico da Hortinha 1, igualmente na região de Évora (Rocha 2007, 2015). Sem qualquer datação absoluta associada, a estratégia de ocupação aliada à cultura material (onde se destaca a presença significativa de recipientes decorados com *sulco abaixo do bordo*), que apresenta óbvios paralelos com os *habitats* de Vale Rodrigo, permite uma rápida analogia entre estes três contextos, aumentado significativamente a base empírica para o Neolítico médio, nomeadamente na sua fase inicial à qual estes sítios parecem corresponder.

Paulatinamente, vão surgindo novos con-

textos de cariz habitacional associados ao Neolítico médio. Na Costa Sudoeste, concretamente na área de Sines, para o período do Neolítico, o espaço já não é dominado, do ponto de vista arqueográfico, por ocupações relacionadas com o Neolítico antigo (ex. Vale Pincel I e Vale Marim II). As intervenções arqueológicas de dimensão considerável, dirigidas pela Unidade de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, nos sítios do Brejo Redondo e Palmeirinha permitiram a identificação de espaços domésticos ao ar livre, cujas comunidades residentes terão adoptado as mesmas estratégias de implantação verificadas anteriormente para o Neolítico antigo (Silva - Soares - Coelho-Soares 2010). Apesar de não terem sido obtidas datações para estes contextos, os dados disponibilizados mencionam todos os componentes da cultura material, assim como a organização e estruturação interna dos *habitats*, podendo ser, assim, confrontados em leituras interpretativas com outros espaços de enquadramento crono-cultural análogo.

3.2. SÉCULO XXI – 2ª DÉCADA – O LUGAR DA MULTIDISCIPLINARIDADE

O final da 1ª década do séc. XXI, assim como a presente década, marcam a entrada em cena de uma temática, continuadamente referida na bibliografia, mas que tinha, até então, tido pouca atenção por parte do debate científico.

Os projectos de investigação, assim como os estudos que se debruçam sobre a fase média do processo de Neolitização são construídos de acordo com uma matriz indiscutivelmente processual, com uma forte componente de análise interdisciplinar, onde os elementos da cultura material continuam a ser um dos eixos principais, mas agora numa óptica, definitivamente, tecno-tipológica. A reconstituição paleoambiental e a definição dos subsistemas económicos e sociais serão tópicos decisivos e a constituição de equipas multidisciplinares procura direccionar a investigação e produzir um enorme manancial que permita a construção de uma narrativa histórica que se constitua como um ponto de partida para o desenvolvimento de novos projectos.

Ao contrário do que sucedeu nos anos 80 e 90, o Neolítico médio passa a ser, pela primeira vez, o objectivo primário de alguns projectos de investigação e de um número importante – face ao que existia - de publicações, deixando de estar obrigatoriamente associado ao estudo sobre o Neolítico antigo ou, unicamente, ao universo funerário representado pelo Megalitismo e pelas grutas-necrópole. No entanto, esta "independência" face ao Neolítico antigo e ao estudo do mundo funerário não ocorre de forma abrupta, sendo que estes dois elementos são, ainda, uma permanência firme no percurso historiográfico da investigação acerca do Neolítico médio.

É neste contexto que o estudo sobre o Neolítico médio dá um salto qualitativo determinante, nomeadamente na construção de um quadro cronométrico mais estreito e fiável, na análise da constituição genética das populações, na definição do subsistema económico e das áreas de circulação destes grupos, e, por fim, na caracterização do espólio a que, normalmente, lhe está associado nos espaços da Morte.

Devido ao financiamento proveniente do projecto de investigação *The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco*, co-dirigido por A. F. Carvalho e Juan F. Gibaja, em 2008-2010 (Carvalho 2016: 68), foi possível custear um programa de datações de radiocarbono, essencialmente para contextos à data insuficientemente datados, com longas sequências de ocupação e cujos dados provinham de antigas escavações.

As datações visam a caracterização e confirmação (ou não), do faseamento cronológico-cultural proposto para diversas ocupações, sendo que a intenção da datação sistemática de restos humanos, servia, também, "… enquanto elemento para uma abordagem às dinâmicas de utilização funerária das grutas naturais estremenhas ao longo da Pré-História recente" (Carvalho - Cardoso 2010/2011: 395). Além das referidas grutas naturais estremenhas (p. ex. Lugar do Canto, Casa da Moura e Furninha), este projecto também financiou mais 8 datações sobre restos humanos do sítio do Neolítico médio, ao ar-livre, do Castelo Belinho, no Algarve (Cardoso - Carvalho 2008, Carvalho - Cardoso 2010/2011, Gomes 2010). Com excepção da Gruta da Furninha, as datações absolutas vieram atestar a existência de ocupações funerárias do Neolítico médio nas referidas grutas das Estremadura. De facto, tanto no Lugar do Canto como na Casa da Moura, foi a existência destas datações absolutas que permitiram a confirmação de uma fase do Neolítico médio em algumas das ocupações registadas. Estes contextos em gruta na região estremenha caracterizam-se, normalmente, por prolongadas ocupações humanas, proporcionando uma combinação de artefactos de distintas épocas que, acrescidas das metodologias

seguidas nas escavações aí realizadas nos finais do séc. XIX, dificulta a sua correcta seriação e atribuição crono-cultural. À já habitual dificuldade em relacionar os artefactos com registos antigos, adiciona-se a incapacidade em reconhecer as componentes artefactuais, indiscutivelmente, do Neolítico médio, devido à ausência de fósseis-directores explícitos (Cardoso - Carvalho 2010/2011: 371).

O caso da Casa da Moura é paradigmático da importância da realização de datações absolutas neste período específico do Neolítico, assim como do estado do conhecimento que, na altura do seu estudo artefactual, se possuía acerca das características que distinguiria a cultura material do Neolítico médio, face ao momento anterior e posterior. Quando Júlio Roque Carreira e João Luís Cardoso, no início do século XXI, se debruçaram sobre os elementos artefactuais recolhidos durante as campanhas de escavação da responsabilidade de Nery Delgado, em 1865 e 1879/80 (Delgado 1867, Carreira - Cardoso 2001/2002), e, posteriormente, de L. G. Straus, em 1987 (Straus *et al*. 1988), face à existência de uma datação absoluta para o início do 5º milénio e devido à presença de cerâmica decorada que rapidamente relacionaram com uma fase evolucionada do Neolítico antigo (e claramente compatível com a datação), não reconheceram uma ocupação do Neolítico médio. Os autores, perante elementos de diagnóstico como a cerâmica impressa e incisa, assim como as taças carenadas, placas de xisto, bordos denteados e alfinetes de cabeça postiça em osso, não tiveram dúvidas em propor um esquema de ocupação para o "depósito superior", com níveis do Neolítico antigo evolucionado e do Neolítico final (Carreira - Cardoso 2001/2002). Nessa fase da investigação e ainda antes das novas datações para a Casa da Moura, encontravam-se, associadas a uma eventual ocupação do Neolítico médio, três datações da primeira metade do 4º milénio cal BC (Straus *et al*. 1988), sendo que essa ocupação não parecia confirmada pela tipologia dos artefactos presentes no registo (Cardoso 2016: 33). Mais recentemente, após a publicação de um número maior de datações (cinco indivíduos distintos), que além de confirmar ocupações durante o Neolítico médio demonstra que estas deverão ter sido mais efectivas que as do Neolítico antigo, já se sugere que tanto a cerâmica lisa de forma esférica simples, como os geométricos trapezoidais, as lâminas e lamelas não retocadas poderão integrar este período, embora se reconheça a sua "… difícil determinação crono-cultural…" (Carvalho - Cardoso 2010/2011: 397).

É nesta combinação de dados, provenientes das datações absolutas e estudo/revisão/publicação de elementos artefactuais, que reside o principal contributo destas análises das grutas-necrópoles na investigação e conhecimento do Neolítico médio. A caracterização da componente artefactual, em particular do Lugar do Canto que estava praticamente inédito e que se enquadrava num período específico oriundo de um contexto relativamente bem conservado (Cardoso - Carvalho 2008: 278), já obedeceu ao questionário empírico claramente direccionado para o estudo de um espólio que integrava uma fase do Neolítico ainda mal caracterizada – o Neolítico médio. A análise artefactual orientou-se em função de uma componente tecno-tipológica bem evidente ficando, assim, disponível um estudo completo de um conjunto muito homogéneo, composto por micrólitos geométricos, lâminas e lamelas de sílex, instrumentos em osso, instrumentos de gume em pedra polida (enxós, machados) e adornos pessoais (*ibidem*: 279).

De igual modo, as colecções osteológicas referentes ao Lugar do Canto e à Casa da Moura permitiram retirar importantes conclusões, para o conhecimento das populações neolíticas, bem como para a compreensão das práticas funerárias (e sua evolução), ao longo de todo o Neolítico.

Partindo de objectivos idênticos, desenvolve-se um conjunto de novas datações absolutas para o Algarão da Goldra (Faro), podendo, assim, relativizar o significado arqueográfico que a datação, publicada em 1992, ainda possuía. À semelhança do que se verificou para as grutas da Estremadura, estas 3 novas datas, obtidas sobre 3 indivíduos, foram custeadas por um novo projecto de investigação luso-espanhol, intitulado *Transformações Alimentares / Populacionais na Transição dos Caçadores-Recolectores do Mesolítico para os Primeiros Agricultores do Sul da Península Ibérica*, dirigido por A. F. Carvalho para os anos 2010 e 2011 (Carvalho - Straus 2013: 203). Ao contrário de outras ocupações, os novos estudos sobre a Goldra não contemplaram uma revisão do espólio artefactual, permanecendo válidas as leituras publicadas em 1992 (Straus *et al*. 1992), o que revela a qualidade da análise então realizada.

Por outro lado, os dados provenientes dos restos humanos datados já neste milénio permitiram reconhecer uma ocupação que aponta para o intervalo de tempo compreendido entre 4500 e 4000 cal BC (Neolítico médio inicial), possibilitando, de igual modo, o reforço de um quadro empírico

que, paulatinamente, vai crescendo na região do Algarve (com Castelo Belinho e, num período imediatamente anterior, Alcalar 7) (Carvalho - Straus 2013). Já inserida na perspectiva metodológica e na linha de investigação que marcará uma grande parte do estudo do Neolítico médio na presente década do séc. XXI, além da integração cronológica, os (novos) dados do Algarão da Goldra fornecem mais indicadores ao nível das práticas funerárias e, principalmente, na definição das estratégias de subsistência das comunidades neolíticas, sendo que neste caso, a análise dos isótopos estáveis obtidos a partir dos restos humanos datados, revelam uma dieta de origem terrestre, sem quaisquer componentes marinhos identificados, indo ao encontro de alguns indicadores directos de práticas produtoras, recolhidos na escavação (*ibidem*: 201).

Em 2014, a publicação *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*, coordenada por A. F. Carvalho (2014a), acerca da gruta-necrópole neolítica do Algar do Bom Santo (Alenquer, Estremadura), marca a independência, na investigação arqueológica no extremo Ocidente Peninsular, do Neolítico médio, enquanto momento autónomo, face aos períodos imediatamente anterior e posterior. A multidisciplinaridade da equipa que se envolve neste projecto, o discurso que se produziu a partir do material exumado nas escavações (maioritariamente osteológico), a máxima potencialização analítica dos elementos arqueológicos disponíveis bem como a utilização dos dados gerados na formação das linhas de investigação que lhe sucederam, são o espelho do patamar teórico-metodológico que se espera impor, daqui por diante, nos estudos acerca deste período específico. Por outro lado, este trabalho surge no seguimento dos estudos acima referidos, e que se enquadravam na mesma temática crono-cultural e tipologia funcional das ocupações, demonstrando, dessa forma, uma linha orientadora e sequência lógica de investigação que, em vez de encerrar capítulos, proporcionava a formulação de novos questionários empíricos, em escalas cada vez mais alargadas.

Este projecto de investigação, designado *O Algar do Bom Santo e as sociedades neolíticas da Estremadura Portuguesa, VI-IV milénios a.C.*, desenvolvido entre 2010 e 2013, parte dos dados exclusivamente recolhidos pelas campanhas de Cidália Duarte e José Morais Arnaud, entre 1994 e 2001 (Duarte - Arnaud 1996, Duarte 1998, Duarte - Mergulho 2001). A opção de não realizar novas escavações evitando, assim, um acréscimo de dados arqueológicos para analisar, reforçou a vertente claramente interdisciplinar do projecto. Os motivos decorrem "… da elevada diversidade do espólio, como também, em larguíssima medida, do interesse que se tinha em ultrapassar meras descrições tipológicas de objetos e práticas funerárias e de considerações de cariz cronológico-cultural. Este imperativo é de algum modo o culminar dos projetos anteriores e resultou assim da perceção – aliás, crescente – de que só através de abordagens interdisciplinares se poderia atingir outros níveis de problematização das realidades em estudo" (Carvalho 2016: 72).

Através do estudo de distintos elementos do registo arqueológico disponível (restos humanos e faunísticos, espólio votivo e carvões), tentou-se caracterizar uma população específica integrada no Neolítico médio (c.3800-3400 cal BC - Petchey 2014: 145), tendo em vista, de forma genérica, as seguintes problemáticas: Quem são? Qual a sua origem crono-cultural? O que consomem? Por onde circulam?

Desta forma, a análise integral deste contexto contemplou abordagens paleoambientais e zooarqueológicas (Queiroz - Mateus 2014, Callapez 2014, Pimenta 2014), o estudo tecno-tipológico da cultura material, dando uma grande importância à caracterização das proveniências das matérias-primas trabalhadas, tanto nas argilas aplicadas na produção cerâmica, como na pedra lascada, pedra polida, indústria óssea e adornos (Carvalho - Masucci 2014, Carvalho - Gibaja 2014, Cardoso 2014, Dean - Carvalho 2014), a análise dos restos osteológicos e das práticas e contexto funerário a que estão associados (Granja - Alves-Cardoso - Gonçalves 2014a, 2014b, Carvalho 2014b) e, claro, a sua datação sistemática e enquadramento crono-cultural (Petchey 2014, Carvalho 2014c).

No entanto, é na análise bioantropológica, mais concretamente nas análises isotópicas e no domínio da paleogenética aplicadas a uma amostra de 14 indivíduos (*ibidem*, Price 2014, Fernández - Arroyo-Pardo 2014), que reside o carácter mais inovador do estudo deste contexto e que permite enquadrar/cruzar e validar, com maior proximidade histórica, as leituras produzidas pelos estudos paleoambientais, faunísticos e de cariz artefactual. No mesmo sentido, tanto a abordagem metodológica aplicada à população do Bom Santo, como os resultados obtidos, serviram de base ao estudo de outras populações neolíticas identificadas no actual território português, com o intuito de se obter leituras comparativas mas, acima de tudo, pela "…oportunidade de análise direta de comunidades

responsáveis, não pela neolitização de uma determinada área geográfica (…), mas pelas origens do megalitismo, um episódio cultural da maior importância para a Pré-História da fachada atlântica europeia" (Carvalho 2016: 73).

O estudo da necrópole do Algar do Bom Santo corresponde, também, à internacionalização da investigação do Neolítico médio em Portugal. A opção deliberada de uma monografia escrita em língua inglesa é um claro exemplo desse propósito, que se inicia desde a apresentação do projecto (Carvalho 2007b), mantendo-se em praticamente todos os restantes estudos entretanto publicados, direccionados para este contexto. Desta forma, e alicerçado pelos resultados produzidos, nomeadamente do ADN antigo e isótopos obtidos, o Bom Santo é potenciado não só para o discurso histórico correspondente à Neolitização de um determinado espaço geográfico, mas, essencialmente, para a Pré-História da fachada atlântica europeia. Além deste objectivo, a publicação numa língua internacional e em obras indexadas e com arbitragem científica é a resposta e adaptação às exigências que o mundo científico hoje impõe, tanto no necessário reconhecimento da capacidade científica de um investigador como, no futuro, na habilidade em obter os, cada vez mais, escassos recursos financeiros destinados à investigação.

Na sequência dos resultados do projecto do Bom Santo, A. F. Carvalho e E. Fernandéz, em 2014, iniciam uma nova fase de investigação em torno das comunidades do Neolítico médio, denominado *As Origens Biogeográficas dos Primeiros Construtores de Megálitos de Portugal*, elaborado para responder a problemáticas que as características genéticas, observadas na população do Bom Santo, tinham suscitado (Carvalho 2016: 73). O objectivo deste projecto é "… a recuperação de ADN antigo tendo em vista avaliar de forma mais abrangente, do ponto de vista tafonómico e biogeográfico…" questões como as causas das transformações populacionais observadas no Bom Santo e que factores e consequências terão existido "… na estrutura demográfica, organização social e ideologia destas sociedades para as levar a construir sepulcros monumentais em pedra?" (*ibidem*: 74).

Desta forma, os autores procuraram responder às questões formuladas em novas amostras de estudo, de outras "populações megalíticas", oriundas de "…um pequeno conjunto de necrópoles do Neolítico médio correlacionáveis com os primeiros construtores de megálitos do centro e sul português..." (*ibidem*: 74). Foram escolhidos os restos osteológicos do Algar Barrão (Estremadura), Castelo Belinho (Algarve), e a Anta 4ª da Cabeceira (Alentejo). Esta selecção deve-se, em parte, à antiguidade destes contextos em relação à emergência do fenómeno megalítico funerário, mas, essencialmente, ao facto de provirem de substratos geológicos mais favoráveis à boa conservação destes elementos, ao contrário da maioria dos monumentos megalíticos do actual território português (*ibidem*: 74). Uma vez mais, os investigadores responsáveis evitam que a base empírica a trabalhar provenha de novos dados de terreno recorrendo, desta forma, às colecções osteológicas já existentes e ao enorme volume de dados gerado nas últimas décadas proveniente, essencialmente, da arqueologia de prevenção e minimização (*ibidem*: 74).

Um dos exemplos dessa proliferação de dados acerca 4º milénio a.C., resultantes da arqueologia de salvaguarda, é a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira), identificada e intervencionada em 2006 pela ERA Arqueologia S.A., sob orientação científica de António Valera e Manuela Coelho (2007, 2013). A sua utilização ao longo da segunda metade do 4º milénio e a eventualidade de um dos sepulcros poder remontar, ainda, ao final da primeira metade (Valera 2013b: 45), torna este sítio em mais um contexto funerário associado a uma fase plena/final do Neolítico médio, sendo um exemplo da significativa diversidade dos rituais e arquitectura funerária, neste território, a partir de meados do 4º milénio cal BC.

Além da sua identificação e escavação, são o seu estudo e publicação, em 2013, que correspondem a mais um episódio da investigação deste período em Portugal (Valera 2013a). À semelhança do verificado no Bom Santo, a monografia contemplou um conjunto de estudos interdisciplinares que envolveu diferentes investigadores, consoante a sua área de investigação contribuindo, assim, para o conhecimento acerca das práticas e rituais funerários destas comunidades, espólio votivo (pedra lascada e pedra polida), e enquadramento cronológico, mediante a realização de datações absolutas. O facto do estudo da pedra lascada ter sido elaborado por A. F. Carvalho, permitiu que este investigador cruzasse dados relativos a três contextos homogéneos, bem definidos e datados (Bom Santo, Lugar do Canto e Sobreira de Cima), todos eles analisados por si, evoluindo, desta forma, as escalas interpretativas, e conseguindo produzir leituras comuns, apesar da distância geográfica entre as ocupações (Carvalho 2013a). Foi, ainda,

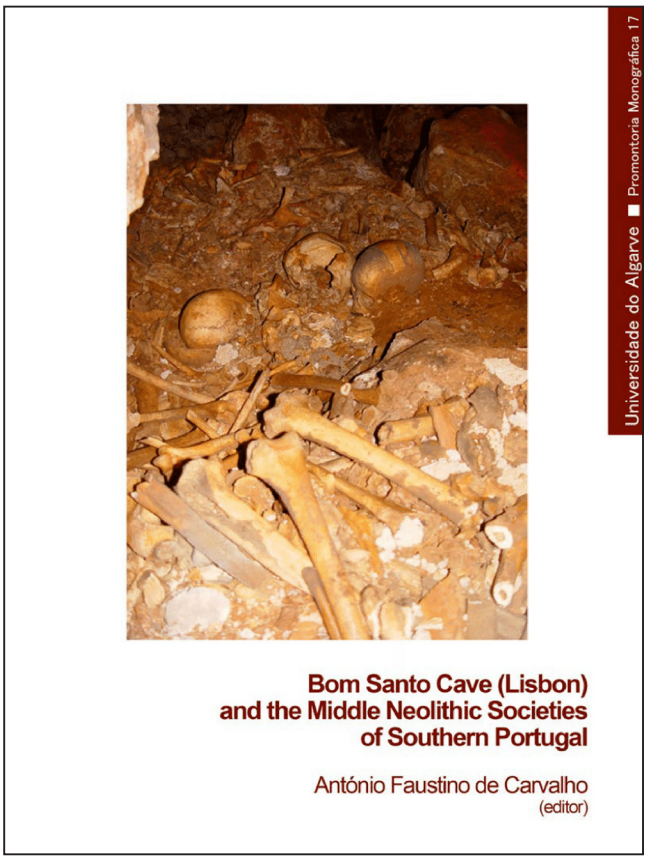


Fig. 4 - Capa da Monografia *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*, de 2014, coordenada por A. F. Carvalho.

possível proceder à análise de isótopos estáveis de cinco amostras osteológicas, correspondentes a dois indivíduos do hipogeu 1, que foram obtidas pelo projecto de investigação *O Algar do Bom Santo e as sociedades neolíticas da Estremadura Portuguesa, VI-IV milénios a.C.*, acompanhadas da devida datação por radiocarbono (Carvalho 2013b: 109).

A presente década do séc. XXI marca, igualmente, a entrada em cena de novos investigadores, permitindo uma nova variabilidade de nomes, associados à investigação do Neolítico médio. O crescimento da Arqueologia preventiva e de minimização a que a maioria dos arqueólogos mais jovens está associada, proporcionou a identificação de novos contextos, inclusive em espaços regionais onde o conhecimento acerca do fenómeno de Neolitização era praticamente nulo, ou que ainda mantinha um discurso claramente datado e que se exigia renovar, como é o caso da margem esquerda do Baixo Tejo. Além do consequente crescimento de dados, a maior relevância decorre das análises que se seguiram à sua identificação e ao facto da maioria dos "novos" contextos remeterem para espaços de *habitat*, contribuindo, assim, para corrigir uma lacuna de natureza arqueográfica e possibilitando a abertura de novos campos temáticos e de reflexão científica.

A escavação do Monte da Foz 1 e da Moita do Ourives, localizados no Baixo Vale do Tejo, constituem-se como dois dos exemplos associados a este momento da Arqueologia Portuguesa, onde o carácter de emergência que "orienta" a intervenção arqueológica é compatível com a investigação e com a produção científica de um discurso histórico resultante de dados provenientes do terreno (Neves 2010, 2013, 2018, Neves - Rodrigues - Diniz 2008a, 2008b, Rodrigues 2006). Corresponde a um período onde as intervenções obedecem a escolhas prévias do espaço a intervencionar, gerando conjuntos artefactuais, geralmente de pequena dimensão mas que atestam efectivos episódios de ocupação de um território. Por outro lado, o facto de se tratar de uma temática crono-cultural que, no espaço geográfico da margem esquerda do Baixo Tejo, ainda apresentava um conhecimento desigual relativamente a outras áreas do actual território português, o estudo integral dos dados provenientes do Monte da Foz 1 (Neves 2010), aconteceu num quadro de efectiva "solidão dos dados", facto bastante limitador na produção de uma leitura interpretativa, claramente dependente de uma base empírica mais alargada.

De igual modo, as mudanças trazidas pelo denominado Processo de Bolonha, quer ao mundo académico quer à legislação sobre as práticas arqueológicas em Portugal, levaram a um aumento de trabalhos de investigação tendo em vista a realização de teses de Mestrado, bem como outros trabalhos da mesma índole, numa dinâmica que, afortunadamente, inclui o Neolítico médio.

Neste sentido, a Estremadura volta a ter um peso significativo na produção e aumento do quadro empírico, com especial destaque na zona do Maciço Calcário Estremenho. Além de surgirem as primeiras referências ao espólio artefactual da ocupação do Neolítico médio da Costa do Pereiro – que ainda se encontra por estudar – (Nunes - Carvalho 2013: 330), destacam-se a análise da ocupação do mesmo horizonte do Cerradinho do Ginete (Nunes 2014), assim como os estudos mais específicos dirigidos para as práticas económicas dos grupos do Neolítico médio que terão ocupado esta mesma região (Correia *et al*. 2015). As leituras produzidas têm origem no trabalho, atrás referido, desenvolvido por A. F. Carvalho desde dos inícios do anos 90 nesta região em particular, e que se encontravam, desde daí, por estudar, uma vez que não coincidiam

Fig. 5 - Escavação arqueológica de emergência do *habitat* do Neolítico médio da Moita do Ourives, em 2004 (Foto: Crivarque, Lda.).

com os objectivos de investigação a que o autor se tinha proposto. Também sob orientação deste investigador, surge a tese de Mestrado acerca do conjunto de pedra lascada do concheiro O Meu Jardim (Nazaré) (Coelho 2014), constituindo-se, assim, como o primeiro estudo acerca deste contexto, que tinha sido identificado e intervencionado em 2010 durante a construção de uma obra pública e que, além do Relatório Final, só tinha possibilitado uma publicação de natureza descritiva e preliminar (Valera 2010, Valera - Santos 2010).

A realização de estudos direccionados a uma componente específica do registo é um dos principais contributos desta nova vaga de investigadores. Apesar da sua pertinência, o facto de a maioria resultarem de trabalhos académicos com reduzido tempo de investigação (Seminários e Mestrados), faz com que outros elementos da componente artefactual e a própria ocupação, como um todo, fiquem ainda por conhecer e analisar.

Em resultado destes novos elementos arqueográficos identificados, assim como do estudo de ocupações que ainda estavam por caracterizar, os últimos anos permitiram à investigação acerca do Neolítico médio a formulação de novos discursos de natureza histórica e a elaboração de renovados e mais completos questionários empíricos. A inclusão de elementos provenientes de espaços de *habitat* traz a esta temática crono-cultural uma nova documentação, alargando os campos de análise e permitindo, pela primeira vez, a inclusão do Neolítico médio, em Portugal, como uma fase perceptível em todas as dimensões da existência humana, tanto na Vida, como na Morte.

Através da evidência empírica disponível, surgem as primeiras reflexões acerca dos grupos do Neolítico médio, no que diz respeito aos seus cenários de acção e circulação. Descrever e caracterizar territórios ocupados, as estratégias de exploração dos espaços, os padrões de implantação dos lugares de *habitat*, os ritmos de mobilidade e as práticas económicas, começam, finalmente, a constituir-se como problemáticas especificas a definir (Neves - Diniz 2014).

A construção, ainda que lenta, de uma cartografia de povoamento para um período que a historiografia tinha, até então, direccionado para o mundo funerário, permite, pela primeira vez, reflectir e relacionar através dos dados arqueológicos os espaços da morte com os naturais espaços de vida (Neves - Diniz 2018). Essa ligação está bem evidente no estudo da população depositada na necrópole do Algar do Bom Santo, quando na detecção da sua origem genética e na definição da sua mobilidade territorial, o investigador responsável pôde, recorrendo ao registo arqueológico, sugerir os espaços de residência desse grupo (Carvalho 2014c: 226).

A consciência que se está perante uma etapa que, a nível artefactual, apresenta uma forte homogeneidade tipológica e uma escassa variabilidade temática (nomeadamente ao nível das gramáticas decorativas dos recipientes cerâmicos), faz com que os estudos acerca da cultura material ainda apresentem uma natureza essencialmente artefactualista, vocacionada para a detecção de elementos de diagnóstico, os denominados "fósseis-directores" (Neves 2012, 2015a, 2015b, 2016) - à semelhança do que ocorre para o Neolítico antigo e Neolítico final - que serão decisivos na definição crono-cultural da maioria dos contextos conhecidos, porque se está perante um quadro cronométrico muito incompleto, problemática crónica e longe da sua resolução.

Além da caracterização da cultura material, o conhecimento acerca das práticas económicas também atingiu um forte desenvolvimento nos últimos tempos. Neste particular, destacam-se as investigações dirigidos por Maria João Valente e Nelson Almeida, que abrangem o centro e sul de Portugal (Valente - Carvalho 2014, Almeida 2017), apesar das evidências empíricas serem relativamente escassas, em resultado de um número muito reduzido de publicações, aliado à raridade de colecções arqueozoológicas para o Neolítico (Valente 2016: 97). O peso das actividades produtoras *vs* cinegéticas/recolectoras é, hoje, um debate em aberto, como é o da origem terrestre/aquática, marinha/fluvial das dietas, debate alicerçado sobre análises de isótopos de restos humanos e faunísticos que "…tem resultado em avanços importantes na reconstrução das dietas e das mobilidades das populações neolíticas no actual território português" (*ibidem*: 100). Para já, a caracterização ao nível das paleo-economias resulta, maioritariamente, da existência de elementos faunísticos no registo (Carvalho 2015). Continuam reduzidos, ou até mesmo ausentes, outros indicadores de subsistência, como os elementos vegetais que, pela presença de certos tipos de utensilagem no registo, se prevê terem sido parte integrante da alimentação das comunidades deste período.

4. CONCLUSÃO

Apesar da crescente investigação em torno do Neolítico médio, esta década encerrará com inúmeras problemáticas em aberto. Uma das principais limitações é a óbvia "regionalização" dos estudos desenvolvidos. Os palcos de investigação são os espaços dos investigadores. Estremadura (nomeadamente o Maciço Calcário Estremenho), a Costa Sudoeste e a margem esquerda do Baixo Vale do Tejo apresentam-se como as áreas mais exploradas, com o Alentejo interior a querer reentrar nesta discussão e, consequente, alargamento da base empírica (Silva - Soares 2018).

Ainda assim, os trabalhos de investigação desenvolvidos nos últimos anos trouxeram ao debate científico novas linhas de investigação, mais focadas nas populações neolíticas, dando grande destaque às do Neolítico médio, em questões relacionadas com a sua origem, lugares de exploração e circulação, práticas de subsistência e cronologia (Carvalho - Petchey 2013, Price 2014, Carvalho *et al*. 2015, Carvalho - Rocha 2016). Paralelamente, e apesar do foco ainda se centrar em demasia nos lugares de cariz funerário (Carvalho 2014a, Mataloto - Andrade - Pereira 2016-2017, Valera 2013b, 2013c, 2013d), emerge um renovado interesse em caracterizar os espaços domésticos destas comunidades, discutir o seu enquadramento crono-cultural, cenários de acção e cultura material (Neves 2012, 2015a, 2015b, Neves - Diniz 2014, Nunes - Carvalho 2013), procurando obter um equilíbrio dentro da base empírica, ainda muito lacunar.

De igual modo, parecem começar a surgir no registo estratégias de implantação do espaço que se julgavam mais tardias dentro do percurso da (pré) história, como as verificadas nos recintos de fossos da Senhora da Alegria (Coimbra) e Perdigões (Reguengos de Monsaraz), que só o necessário estudo integral poderá elucidar (Valera 2013e, Valera *et al*. 2017).

Na sequência desta lenta, mas notória, evolução surge a tese de Doutoramento defendida pelo autor (Neves 2018), que se apresenta como uma primeira tentativa em sistematizar toda a informação reunida acerca do Neolítico médio procurando,

dessa forma, continuar a colmatar as lacunas de conhecimento que ainda existem acerca deste momento.

O conhecimento efectivo acerca do Neolítico médio é, ainda, um objectivo de longo alcance. Embora se reconheça que, nos dias de hoje, se encontra disponível um quadro empírico mais completo, passível de ser discutido, com os elementos culturais melhor definidos e com balizas cronológicas mais estreitas, a verdade é que esta fase do processo de Neolitização continua a ser a que apresenta menos elementos no registo arqueológico. Desta forma, não é de estranhar que, em 2016, J. L. Cardoso ainda convictamente afirme: "O Neolítico Médio, pela falta de evidências arqueológicas (…), continua a ser um dos períodos pior caracterizados da pré-história do território português" (Cardoso 2016: 34), panorama que só a investigação e publicação arqueológica poderá alterar.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se aos revisores a leitura cuidada da primeira versão deste texto, bem como os comentários e sugestões que se constituíram como um importante contributo para a versão final deste artigo. No entanto, qualquer erro ou omissão será, sempre, da inteira responsabilidade do autor.

Notas

[2] - Neste texto, Neolitização entende-se como um fenómeno histórico de tempo longo que, iniciado com as primeiras comunidades agro-pastoris, se estende até ao advento das comunidades agro-metalúrgicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. (2017) - *Zooarqueologia e Tafonomia da Transição para a Agro-pastorícia no Baixo e Médio Vale do Tejo*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Policopiado).

ARAÚJO, A.C. - CAUWE, N. - SANTOS, A. I. (1995) - A Necrópole Neolítica: estudo das colecções das antigas escavações. In ARAÚJO, A.C. - LEJEUNE, M. (eds.), *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 8): 57-109.

ARAÚJO, A. C. - ZILHÃO, J. (1991) - *Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (Relatório correspondente à primeira fase do levantamento da Carta Arqueológica do Parque)*. Lisboa.

ARMBRUESTER, T. (2006) - Before the monument? Ceramics with a line below the rim (A preliminary report from Vale de Rodrigo 3, Évora). In *Simbolismo, arte e espaços sagrados na Pré-História da Península Ibérica: actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: 53–67.

ARMBRUESTER, T. (2008) - Technology neglected? A painted ceramic fragment from the dated Middle Neolithic site of Vale Rodrigo 3. *Vipasca* II-2: 83-94.

BOAVENTURA, R. (2009) - *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Lisboa. (Policopiado).

CALLAPEZ, P. M. (2014) - Terrestrial gastropods. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 45-59.

CARDOSO, J. L. (2014) - Polished stone tools. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 185-194.

CARDOSO, J. L. (2016) - Na Estremadura do Neolítico antigo ao Neolítico final: os contributos de um percurso pessoal. In DINIZ, M. - NEVES, C. - MARTINS, A. (coords.), *O Neolítico em Portugal, antes do Horizonte 2020*. Lisboa (*Monografias AAP* 2): 25-49.

CARDOSO, J. L. - CARVALHO, A. F. (2008) - A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. In CARDOSO, J. L. (ed.), *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras* 16): 269-300.

CARDOSO, J. L. - CARVALHO, A. F. (2010/2011) - A Gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 333-392.

CARREIRA, J. R. - CARDOSO, J. L. (2001/2002) - A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 10: 249-362.

CARVALHO, A. F. (1998a) - *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d' Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa (*Textos Monográficos* 2).

CARVALHO, A. F. (1998b) - Abrigo da Pena d' Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1-2: 39-72.

CARVALHO, A. F. (2003) - O Neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case-study da neolitização da

Média e Alta Estremadura Portuguesa. In GONÇALVES, V.S., (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 25): 23-44.

CARVALHO, A. F. (2007a) - *A Neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Algarve. (Policopiado).

CARVALHO, A. F. (2007b) - Algar do Bom Santo: a research project on the Neolithic populations of Portuguese Estremadura (6th–4th millennia BC). *Promontoria* 5: 185–198.

CARVALHO, A. F. (2013a) - Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de hipogeus neolíticos de Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, A.C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 71–86.

CARVALHO, A. F. (2013b) - Análise de isótopos estáveis de quatro indivíduos do Sepulcro 1 da necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja): primeiros resultados paleodietéticos para o Neolítico do interior alentejano. In VALERA, A.C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 109–112.

CARVALHO, A. F. (ed.) (2014a) - *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17).

CARVALHO, A. F. (2014b) - Funerary contexts. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 19-26.

CARVALHO, A. F. (2014c) - Bom Santo Cave in context. A preliminar contribution to the study of the first megalith builders of Southern Portugal. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 209-230.

CARVALHO, A. F. (2015b) - A two-stage economic succession at the inception of farming in central Portugal. Preliminary examination of possible causes and consequences. *Vegueta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia* 15: 89-109.

CARVALHO, A. F. (2016) - Percursos e perceções pessoais no estudo do Neolítico. In DINIZ, M. - NEVES, C. - MARTINS, A. (coords.), *O Neolítico em Portugal, antes do Horizonte 2020*. Lisboa (*Monografias AAP* 2): 67-77.

CARVALHO, A. F. - ALVES-CARDOSO, F. - GONÇALVES, D. - GRANJA, R. - CARDOSO, J. L. - DEAN, R. M. - GIBAJA, J. F. - MASUCCI, M. A. - ARROYO-PARDO, E. - FERNÁNDEZ, E. - PETCHEY, F. - PRICE, T. D. - MATEUS, J. E. - QUEIROZ, P. F. - CALLAPEZ, P. M. - PIMENTA, C. - REGALA, F. T. (2015) - The Bom Santo Cave (Lisbon, Portugal): catchment, diet and patterns of mobility of a Middle Neolithic population. *European Journal of Archaeology* 19-2: 1-28.

CARVALHO, A. F. - CARDOSO, J. L. (2010/2011) - A cronologia absoluta das ocupações funerárias da gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 393-405.

CARVALHO, A. F. - GIBAJA, J. F. (2014) - Knapped stone tools, In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 173-184.

CARVALHO, A. F. - MASUCCI, M. A. (2014) – Pottery. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 161-172.

CARVALHO, A. F. - PETCHEY, F. (2013) - Stable Isotope Evidence of Neolithic Palaeodiets in the Coastal Regions of Southern Portugal. *Jornal of Island and Coastal Archaeology* 8: 361-383.

CARVALHO, A. F. - ROCHA, L. (2016) - Datação directa e análise de paleodietas dos indivíduos da anta de Cabeceira 4.ª (Mora, Portugal). *digitAR* 3: 53-61.

CARVALHO, A. F. - STRAUS, L. G. (2013) - New Radiocarbon dates for Algarão da Goldra (Faro, Portugal): a contribution to the Neolithic of the Algarve. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. - BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. - GARCÍA CABEZAS, M. (eds.), *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: 193-205.

COELHO, E. G. (2014) - *O sítio do Meu Jardim (Nazaré): contribuição para o estudo da pedra lascada do Neolítico Médio na Estremadura*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (Policopiado).

CORREIA, F. R. - LUÍS, S. - FERNANDES, P. V. - VALENTE, M. J. - CARVALHO, A. F. (2015) – Hunter-herders in the limestone massif of Estremadura: Middle Neolithic fauna from the Pena d'Água rock- shelter (Torres Novas, Portugal). *Estudos do Quaternário* 13: 23-31.

DEAN, R. M. - CARVALHO, A. F. (2014) - Faunal remains, adornments and bone tools. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 195-205.

DELGADO, J. F. N. (1867) - *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos*

estudos das cavernas. Primeiro opúsculo: notícia acerca das grutas da Cesareda. Lisboa.
DINIZ, M. (1993) - O Neolítico. In GONCALVES, V. (ed.), *História de Portugal, 1*. Lisboa: 297-348.
DINIZ, M. (2000) - Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In GONÇALVES, V., (ed.), *"Muitas antas, pouca gente?" Actas do I Colóquio Internacional de Megalitismo*. Lisboa: 105-116.
DINIZ, M. (2003) - O Neolítico Antigo em Portugal: investigações recentes, problemas e perspectivas. Um contributo. *Arqueologia e História* 55: 35-42.
DINIZ, M. (2006-2007 [2010]) - O Neolítico Antigo em Portugal. Contributos para uma historiografia do tema. *Arqueologia e História* 58-59: 17-34.
DINIZ, M. (2015) - O Neolítico antigo no Ocidente Peninsular: reflexões a partir de algumas lacunas no registo arqueográfico. In GONÇALVES, V. - DINIZ, M. - SOUSA, A. C. (eds.), *Actas do V Congresso Neolítico Peninsular*. Lisboa: 261-272.
DUARTE, C. (1998) - Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1-2: 107-118.
DUARTE, C. - ARNAUD, J. M. (1996) - Algar do Bom Santo: une nécropole néolithique dans l'Estremadura portugaise. In *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, vol. 2. Gavà (*Rubricatum* 1): 505-508.
DUARTE, C. - MERGULHO, R. (2001) - Bom Santo Neolithical necropolis. In *13th International Congress of Speleology*. Brasília: 297-300.
FERNÁNDEZ, E. - ARROYO-PARDO, E. (2014) - Palaeogenetic study of the human remains. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 133-142.
FERREIRA, O. V. - LEITÃO, M. (1981) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Lisboa (2ª edição).
GRANJA, R. - ALVES-CARDOSO, F. - GONÇALVES, D. (2014a) - Taphonomy and funerary practices. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 79-100.
GOMES, M. V. (2010) - Castelo Belinho (Algarve): A ritualização funerária em meados do V milénio AC. In GIBAJA, J. F. - CARVALHO, A. F. (eds.), *Os Últimos Caçadores-Recolectores e as Primeiras Comunidades Produtoras do Sul da Península Ibérica e do Norte de Marrocos*. Faro: 69–80.
GONÇALVES, V. S. (1978) - Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal. *Zephyrus* 28-29: 147-162.
GONÇALVES, V. S. (1993) - As práticas funerárias nas sociedades do 4.º e do 3.º milénios. O megalitismo. In GONCALVES, V. (ed.), *História de Portugal, 1*. Lisboa: 461-550.
GONÇALVES, V. S. (2002) - Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5-2: 153-189.
GONÇALVES, V. S. - DINIZ, M. (1997) - *Relatório inédito sobre o povoado Gorginos 6*. (Policopiado).
GONÇALVES, V. S. - SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 16): 11-104.
GONÇALVES, V. S. - CALADO, M. - ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica* 9/10: 391-412.
GUILAINE, J. - FERREIRA, O. da V. (1970) - Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Societé Préhistórique Française* 67-I: 304-322.
HÖCK, M. - KALB, P. (2000) - Novas investigações em Vale de Rodrigo. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 16): 159-166.
JORGE, S. O. (1990) - A consolidação do sistema agro-pastoril. In SERRÃO, J. - OLIVEIRA MARQUES, A. H. (dir.), *Nova História de Portugal. Portugal, das origens à romanização*. Lisboa: 102-162.
LARSSON, L. (2000) - Symbols in stone: ritual activities and petrified traditions. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, UTAD, Vila Real, Setembro de 1999*, vol. 3. Porto: 445–458.
LEISNER, G. - LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa (2ª edição - reprodução do original de 1951).
LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin.
LEISNER, V. (1983) - As diferentes fases do Neolítico em Portugal. *Arqueologia* 7: 7-15.
MATALOTO, R. - BOAVENTURA, R. (2009) - Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12-2: 39-77.
NEVES, C. (2010) - *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da Neolitização na margem esquerda do*

Baixo Tejo. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Policopiado).
NEVES, C. (2012) - A indústria de pedra lascada do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal): contribuição para o conhecimento do talhe da pedra na segunda metade do V milénio a.C. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15: 5-30.
NEVES, C. (2013) - A evolução do Processo de Neolitização numa paisagem estuarina: a ocupação do Monte da Foz 1 (Benavente). In SOARES, J. (ed.), *Pré-história das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 14): 123-144.
NEVES, C. (2015a) - A cerâmica decorada com sulco abaixo do bordo do sítio neolítico do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal). In SAÉZ DE LA FUENTE, I. - TEJERIZO GARCÍA, C. - ELORZA GONZÁLEZ DE ALAIZA, L. - HERNÁNDEZ BELOQUI, B. - HERNANDO ÁLVAREZ, C. (Coords.), *Arqueologías sociales. Arqueología en sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: 458-465.
NEVES, C. (2015b) - A 2ª metade do V Milénio no Ocidente Peninsular: algumas problemáticas a partir da cultura material. In GONÇALVES, V.S. - DINIZ, M. - SOUSA, A. C. (eds.), *5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. Lisboa: 314-321.
NEVES, C. (2016) - A produção cerâmica na segunda metade do 5º milénio AC: leitura(s) a partir do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal). In COELHO, I. P. - TORRES, J. B. - GIL, L. S. - RAMOS, T. (coords.), *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Lisboa: 87-97.
NEVES, C. (2018) - *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5º e 4º milénio AC*. Dissertação de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Pré-História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Policopiado).
NEVES, C. - DINIZ, M. (2014) - Acerca dos cenários da acção: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5º e na primeira metade do 4º milénio AC, no Sul de Portugal. *Estudos do Quaternário* 11: 45-58.
NEVES, C. - DINIZ, M. (2018) - À procura da Terra dos Vivos: os lugares de povoamento das primeiras fases do Megalitismo funerário no Centro e Sul de Portugal. In SENNA-MARTINEZ, J. - DINIZ, M. - CARVALHO, A. F. (coords.), *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: 321-340.
NEVES, C. - RODRIGUES, F. - DINIZ, M. (2008a) - Moita do Ourives – um sítio do Neolítico médio no Baixo Tejo (Benavente, Portugal): matérias-primas e cultura material. In HERNÁNDEZ PEREZ, M. - SOLER DÍAZ, J. - LÓPEZ PADILLA, J. (eds.), *IV Congreso del Neolítico Peninsular, 2*. Alicante: 216-221.
NEVES, C. - RODRIGUES, F. - DINIZ, M. (2008b) - Neolithisation process in lower Tagus valley left bank: old perspectives and new data. In DINIZ, M. (ed.), *Early Neolithic in the Iberian Peninsula: Regional and Transregional Components*. Lisbon (*B.A.R. International Series* 1857): 43-51.
NUNES, A. (2014) - *Estudo dos materiais provenientes do Cerradinho do Ginete (Torres Novas, Santarém): Contribuição para o estudo do Neolítico médio português*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. (Policopiado).
NUNES, A. - CARVALHO, A. F. (2013) - O Neolítico Médio no Maciço Calcário Estremenho: estado actual dos conhecimentos e perspectivas de investigação futura. In ARNAUD, J. M. - MARTINS, A. - NEVES, C. (coords.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: 329-334.
OOSTERBEEK, L. (1994) - *Echoes from the East: the Western network. North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000-2000 BC*. Dissertação de Doutoramento apresentada à University College London.
PETCHEY, F. (2014) - Radiocarbon chronology and palaeodiets. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 143-150.
PIMENTA, C. (2014) – Microvertebrates. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 61-76.
PRICE, T. D. (2014) - Isotope proveniencing. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 151-158.
QUEIROZ, P. F. - MATEUS, J. E. (2014) - Carbonized plant remains. In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro (*Promontoria Monográfica* 17): 29-44.
RIBEIRO, L. - SANGMEISTER, E. (1967) - Der Neolitische Fundplatz von Possanco bei Comporta/ Portugal. *Madrider Mitteilungen* 8: 31- 45.
RIBEIRO, L. - ZBYSZEWSKI, G. - FERREIRA, O. da (1965) - Estatueta de "terra cota" da Comporta. *Arquivo de Beja* 22: 186-190.
ROCHA, L. (2005) - *Estudo do megalitismo funerário*

no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Policopiado).
ROCHA, L. (2007) - *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 1 (Torre de Coelheiros, Évora)*.
ROCHA, L. (2015) - The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. In ROCHA, L. - BUENO-RAMIREZ, P. - BRANCO, G. (eds.), *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials. Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology*. Oxford (*B.A.R. International Series* 2708): 221-230.
RODRIGUES, A. F. (2006) - Moita do Ourives: um habitat do Neolítico médio do Baixo Tejo. In *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro (*Promontoria Monográfica* 4): 249-262.
SANTOS, M. F. dos (1972) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa.
SILVA, C. T. (1993) - Neolítico médio e final. O Megalitismo. In SILVA, A.C.F. (ed.), *Pré-História de Portugal*. Lisboa: 169-194.
SILVA, C. T. - SOARES, J. (1980) - O Neolítico da Comporta. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa: 13-17.
SILVA, C. T. - SOARES, J. (1981) - *Pré-história da área de Sines*. Lisboa.
SILVA, C. T. - SOARES, J. (2018) - Para o estudo do Neolítico Médio: o sítio da Fábrica de Celulose (Mourão). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 21: 5-23.
SILVA, C. T. - SOARES, J. - CARDOSO, J. L. - CRUZ, C. S. - REIS, C. A. S. (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (Datas 14c) e paleoambientais. *Arqueologia* 14: 59-82.
SILVA, C. T. - SOARES, J. - COELHO-SOARES, A. (2010) - Arqueologia de Chãos de Sines. Novos elementos sobre o povoamento Pré-histórico. In *Actas do 2º encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: 11-34.
SOARES, A. M. (1995) - Datação Absoluta da Necrópole "Neolítica" da Gruta do Escoural. In ARAÚJO, A.C. - LEJEUNE, M. (eds.), *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 8): 111-119.
SOARES, J. - SILVA, C.T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados de megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 37-88.
SOARES, J. - SILVA, C. T (2004) - Alterações ambientais e povoamento na transição Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste. In TAVARES, A. A. - TAVARES, M. J. F. - CARDOSO, J. L. (eds.), *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos*. Lisboa: 397-423.
SOARES, J. - SILVA, C. T. (2013) – Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. In SOARES, J. (ed.), *Pré-história das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 14): 145-170.
STRAUS, L. G. - ALTUNA, J. - JACKES, M. - KUNST, M. (1988) - New excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia* 18: 65-95.
STRAUS, L. G. - ALTUNA, J. - FORD, D. - MARAMBAT, L. - RHINE, J. S. - SCHWARCZ, J.-H. P. - VERNET, J.-L. (1992) - Early farming in the Algarve (Southern Portugal): A preliminary view from two cave excavations near Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 32: 141–161.
VALENTE, M. J. (2016) - Zooarqueologia do Neolítico do sul de Portugal: Passado, Presente e Futuros. In DINIZ, M. - NEVES, C. - MARTINS, A. (coords.), *O Neolítico em Portugal, antes do Horizonte 2020*. Lisboa (*Monografias AAP* 2): 87-107.
VALENTE, M. J. - CARVALHO, A. F. (2014) - Zooarchaeology in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. *Environmental Archaeology* 9-3: 226-240.
VALERA, A. C. (2010) - *Relatório dos trabalhos arqueológicos: Meu Jardim. Era, Arqueologia, S.A* (Relatório de escavação).
VALERA, A. C. (coord.) (2013a) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1).
VALERA, A. C. (2013b) - Cronologia absoluta da necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, A.C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 41–46.
VALERA, A. C. (2013c) - Aspectos do ritual funerário na necrópole da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, A. C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 47–62.
VALERA, A. C. (2013d) - A Necrópole da Sobreira de Cima no contexto das práticas funerárias neolíticas no Sul de Portugal. In VALERA, A. C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 113-129.
VALERA, A. C. (2013e) - Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português. In ARNAUD, J. M. - MARTINS, A. - NEVES, C. (coords.), *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*. Lisboa: 345-350.
VALERA, A. C. - COELHO, M. (2007) - *A necrópole*

neolítica da Sobreira de Cima (Relatório dos Trabalhos Arqueológicos - ERA Arqueologia).
VALERA, A.C. - COELHO, M. (2013) - A Necrópole de Hipogeus da Sobreira Cima (Vidigueira, Beja): Enquadramento, Arquitecturas e Contextos. In VALERA, A. C. (coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa (*Era Monográfica* 1): 11-39.
VALERA, A. C. - SANTOS, H. (2010) - O concheiro do Neolítico Antigo do Meu Jardim: informação preliminar. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 6: 21-27.
VALERA, A. C. - SIMÃO, I. - NUNES, T. - PEREIRO, T. - COSTA, C. (2017) - Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives. *Estudos do Quaternário* 17: 57-76.
ZILHÃO, J. (1984) - *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 1).
ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 6).
ZILHÃO, J. - CARVALHO, A. F. (1996) - O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. In *Actes del I Congreso del Neolitic a la Península Ibérica* (*Rubricatum* I): 659-671.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Commitee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): https://publicationethics.org/

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU .

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal´s editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Commitee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): https://publicationethics.org/

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address http://ophiussa.letras.ulisboa.pt, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

3 - 2019

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação 5

SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté 27

JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos 45

GIL VILARINHO - A *terra sigillata* do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular 81

ANA MARGARIDA ARRUDA - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações 93

FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V 111

CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - Dois amuletos em osso de *Mirobriga* - evidências do culto de Magna Mater? 133

TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal 145

JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12 155

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas) 185

IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) .. 211

CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq